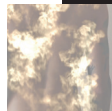
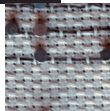


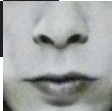
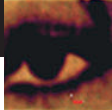
\_hidalgo  
n\_qvixo  
e\_la\_ma



de ordem



me  
ght



# A -- ----- EXPOSIÇÃO

\_ enquadrada duplamente pela omnipresença do livro na sala do CLP e pela representação sinóptica do Doutoramento em Materialidades da Literatura, representa um laboratório em que, de modo sucessivo, se verte um único reagente sobre o objecto literário. Podemos dizer que esse reagente consiste na pergunta última e primeira *o que é a literatura?* Mas mais do que respostas apaziguadoras, o que daí resulta, esperamos, é um reforço dessa mesma pergunta a desdobrar-se noutras pela variedade de contribuições, materiais e autorias expostas. Apresentamos, enfim, uma exposição (e um estímulo) da multiplicidade e da *materialidade* da

literatura: dimensão desde logo evidente pela diversidade medial deste catálogo de trabalhos impressos, digitais, em vídeo e rádio, performativos e plásticos.

Podemos *ler*, ao longo desses vários trabalhos, a ausência de palavras, apontamentos sobre a linguagem e leitura, releituras e diálogos com textos anteriores, processos de escrita e reescrita, hipotextos e hipertextos, assim como relações e reacções a acontecimentos sociais. Estão disponíveis, para experiência e consulta, poemas-livros, poemas combinatórios, video-poemas, video-performances, livros-objectos, contos em linha, experiências radiofónicas, antologias combinatórias, aplicativos lúdico-literários, performances verbais e intermediais, literatura que vai para fora da página, objectos híbridos, obras difíceis de encaixar em qualquer tipologia e até anti-obras.

No fundo, a multiplicidade de possibilidades aqui visível reflecte tanto o carácter colaborativo da exposição, quanto a dificuldade de uma resposta única e taxativa à supra-referida *pergunta-reagente*. Tudo como se, no entanto, uma complexa *leitura* do mundo multimediático em que vivemos encontrasse o seu equivalente nas plurais formas em que entendemos e *lemos* a literatura.

**A equipa curatorial**  
Francisco Silveira  
Nuno Meireles  
Patrícia Reina  
Pedro Sá Valentim  
Thales Estefani

“OS CAMINHOS -- ----  
----- DA LITERATURA  
-- ----- NO MATLIT  
LAB: -- -----  
-- UM LABORATÓRIO DE  
----- HUMANIDADES”

\_ pretende mostrar a dimensão laboratorial do trabalho desenvolvido no âmbito do Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura. Inspirada pelo tema da 21ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra, esta exposição traça caminhos percorridos e aponta possíveis caminhos futuros no momento em que o MATLIT LAB se estabelece formalmente. O conjunto de obras selecionadas evidencia a estreita relação entre formação, investigação e criação que se tornou num dos elementos característicos das práticas de trabalho do nosso Programa. Ao longo de quase uma década, a exploração de conceitos e teorias sobre a relação entre mediação comunicacional da escrita e significação literária tem sido realizada também através de criações literárias e curatoriais de diferentes tipos. Certas noções interrogadas teoricamente – tais como *bibliograficidade*, *digitalidade*, *auralidade*, *vocalidade*, *medialidade* e *performatividade* – ganharam assim uma dimensão aplicada. O desenvolvimento desta prática projetual em investigação literária constitui o objetivo principal do trabalho a realizar no MATLIT LAB.

Para além de nos permitir observar a experimentação levada a cabo através

de obras em diversos meios, a exposição permite-nos também olhar para o conjunto das atividades realizadas no âmbito do Programa – conceção de cartazes, produção da revista, criação de sítios *web*, organização de colóquios, curadoria de exposições, escolas de verão – segundo uma lógica projetual e reconhecer nessas atividades idêntico princípio de experimentação e de aplicação do conhecimento. Na teorização sobre a dimensão material e presencial das práticas literárias – subsumida nas três grandes linhas de investigação designadas “Ex Machina”, “Vox Media” e “ReCodex” – está ainda implicada uma participação crítica no processo acelerado de digitalização das práticas culturais, incluindo as práticas de investigação, ensino e criação. Uma das funções do laboratório é reimaginar as humanidades nesse processo geral de remediação digital das atividades, modelos e interfaces humanísticas. O *Arquivo LdoD* constitui um primeiro e ambicioso exemplo dessa reimaginação: projeto pós-bibliográfico e criação meta-literária na qual a performatividade é computacionalmente simulada num espaço lúdico de investigação e criação.

MATLIT LAB quer ser um lugar aberto de colaboração, especulação teórica e experimentação técnica e literária, seja no âmbito dos projetos de doutoramento e pós-doutoramento, seja no âmbito de outros projetos de investigação. O laboratório e a oficina, entendidos como espaços de conceção e produção de artefactos, expandem a formação humanística para além da sala de seminário e da biblioteca. O uso de metodologias e ferramentas digitais de investigação no âmbito do laboratório proporcionará condições para: (a) realização de trabalhos práticos e oficinas sobre tecnologias específicas, seja como trabalho complementar aos seminários curriculares, seja através de cursos intensivos; (b) desenvolvimento de aptidões técnicas no campo da edição digital, testando novas formas de anotar e publicar textos para uso em diferentes contextos; (c) alargamento do espaço de aprendizagem dos processos e métodos de produção de uma revista científica, tirando partido da revista *MATLIT*; (d) criação de bases de dados resultantes dos levantamentos de inúmeros materiais dispersos, realizados no âmbito dos projetos de tese (livros de artista em Portugal; eletrografia em Portugal; grava-

ções de poesia em disco; etc.); (e) criação experimental de objetos literários de géneros diversos que incorporem a investigação concetual e técnica realizada no âmbito do Programa.

Tal como se encontra concetualizado neste momento, o Laboratório de Materialidades da Literatura pode dividir-se em oito componentes: (1) *Concept-ário*, componente dedicada à produção especulativa de novos conceitos: Que ideias surgem da intersecção entre literatura, arte, design e tecnologia? (2) *Projet-ário*, componente dedicada à investigação científica projetual: Que práticas de investigação colaborativa e projetual em humanidades conseguimos desenvolver? Como incorporar a dimensão processual no resultado dos projetos? (3) *Experiment-ário*, componente dedicada à criação literária experimental: Que formas e sentidos surgem da intersecção entre práticas de escrita e mediações tecnológicas? (4) *Design-ário*, componente dedicada ao design de conhecimento em humanidades digitais: Como expressar a relação entre representação do conhecimento e modelação da informação? Como desenvolver argumentos através de interfaces e parâmetros de interação? Como integrar diferentes

parceiros e atores sociais no desenho daquilo que fazemos? (5) *Oficin-ário*, componente dedicada à aprendizagem de tecnologias específicas: Que métodos e técnicas de produção, representação e análise de dados nos oferecem as ferramentas digitais? (6) *Edit-ário*, componente dedicada a práticas de edição crítica (impressa, digital e híbrida): Como editar criticamente diferentes *corpora* textuais e mediais? (7) *Arquiv-ário*, componente dedicada a bases de dados e à remediação do arquivo: Como organizar, representar e apresentar as coleções de objetos e práticas criativas resultantes da investigação? (8) *Transfer-ário*, componente dedicada à transferência de conhecimento para outros contextos sociais e económicos: Como transferir o que fazemos para outros espaços institucionais do ensino, da cultura, das artes e da economia? Como comunicar o que fazemos no espaço público?

De certo modo, a experimentação literária documentada em “Caminhos da Literatura no MATLIT LAB – Um Laboratório de Humanidades” presentifica a própria imaginação do laboratório enquanto conjunto de práticas reconfiguradoras da formação e da investigação

em humanidades. Trata-se de continuar a concretizar o programa definido em 2009 para o Doutoramento em Materialidades da Literatura: “É seu objetivo último contribuir para uma mudança nos modos de investigar e ensinar literatura, dentro do projeto mais vasto de repensar as Humanidades na era do *software* e dos novos média.”

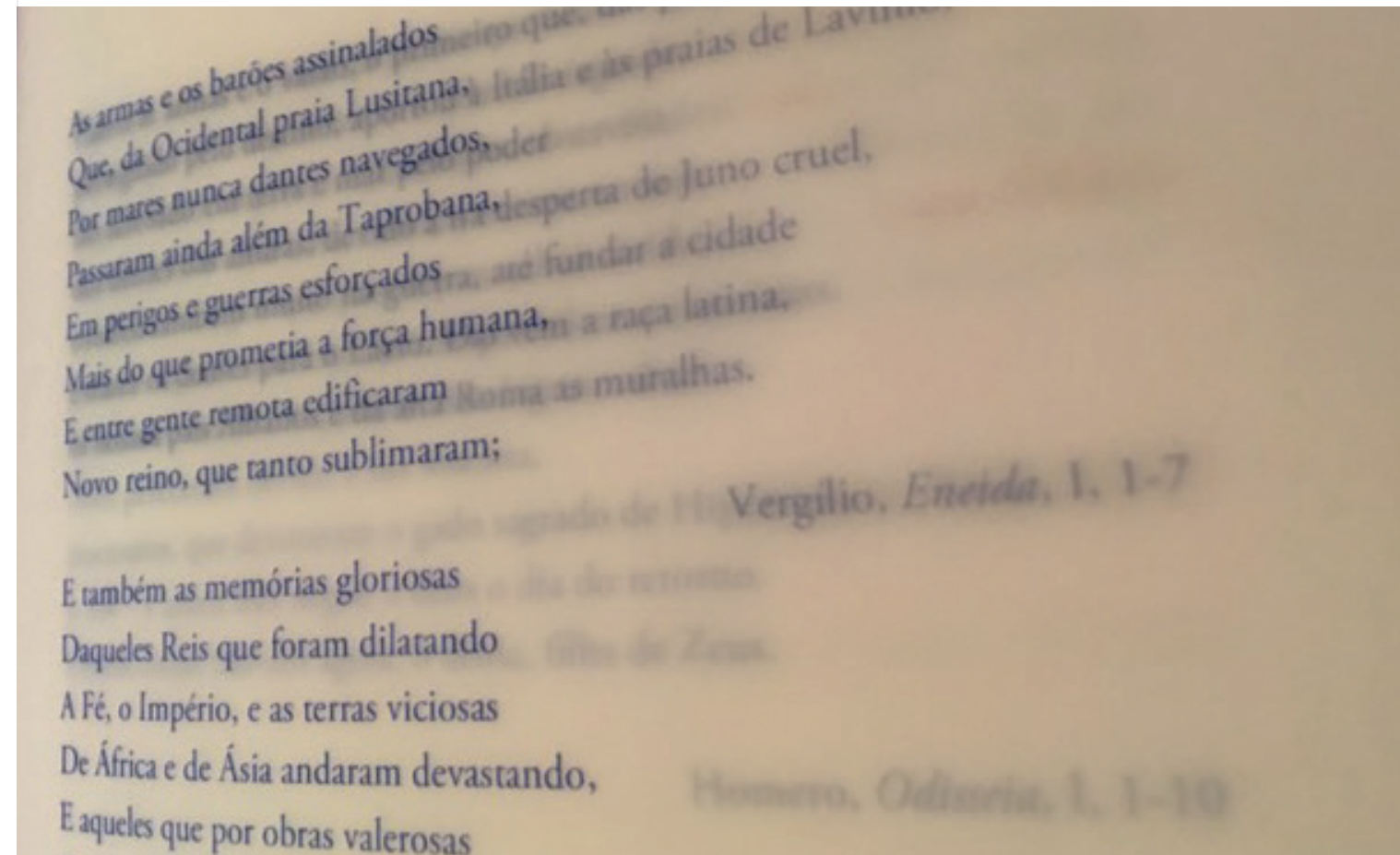
**Manuel Portela**  
Coordenador do Programa  
de Doutoramento em  
Materialidades da Literatura



## Dura lexia, sed lexia - ou Uma (hiper)Viagem à Índia

Este trabalho parte de *Uma Viagem à Índia* (2010), de Gonçalo M. Tavares, obra fundamental do século XXI. De cada um dos dez cantos da obra, foi selecionada uma estrofe cuja leitura nos permite progredir na narrativa. No entanto, o ato de leitura pode ser duro, difícil, por isso, além desta leitura horizontal, proporciona-se também uma leitura vertical, quase arqueológica, na apresentação de alguns dos textos com os quais cada lexia tavariana se relaciona. Desvelam-se, assim, hipotextos que estão na base do hipertexto apresentado, numa problematização dos conceitos de Genette (1982). O processo de leitura em profundidade é acentuado pelo papel transparente em que os textos foram impressos, pois, se, por um lado, podemos entrever e quase entreler o que se lhes segue, por outro, são esses mesmos textos que dificultam o ato de ler em si, dado que (nos) toldam o texto de Tavares. A transparência revela e perturba simultaneamente a leitura, numa tentativa de metaforizar toda a relação intertextual. Contudo, num jogo com o conceito de hipertexto de Ted Nelson (1965), foram feitas hiperligações nas lexias de Tavares (num máximo de três

por lexia), que, através de um esquema de cores, se ligam a novos textos, num esforço de emulação retroativa do que acontece na *web*. Tentou-se, deste modo, aproximar os dois conceitos, que, embora distintos, são denominados pelo mesmo termo. Espera-se que, pela exploração, o leitor perceba e automatize o modo de funcionamento do códice. Para o facilitar, optou-se pela utilização da mesma sequência de cores no caso das hiperligações e dos respetivos hipotextos. Na verdade, explorar o hipertexto e a hiperligação em papel é também uma forma de problematizar o códex e as suas potencialidades, obrigando-nos a refletir sobre possíveis estratégias de remediação quando se faz a transposição para outro meio.



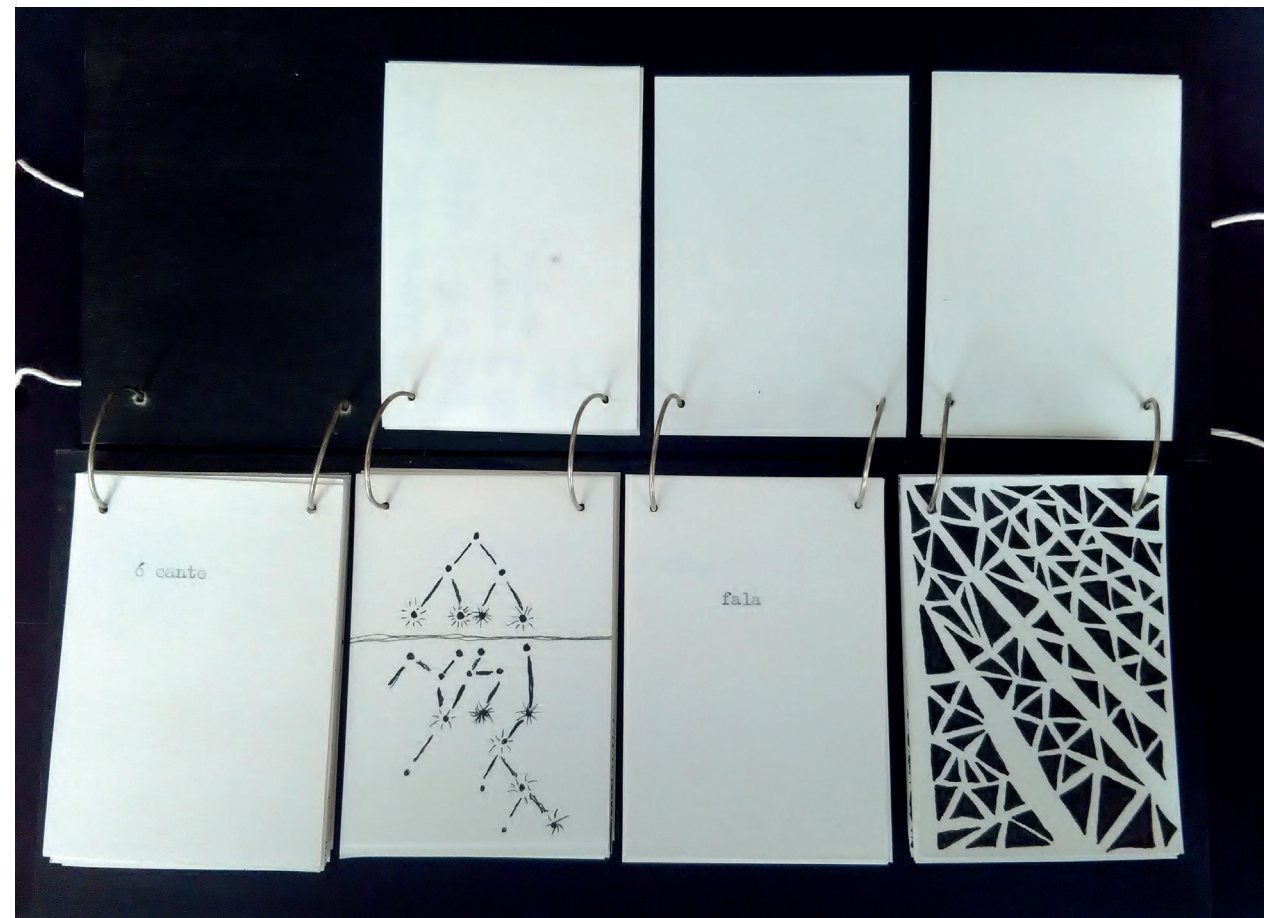
2014 **Ó canto**

Este trabalho consiste num poema em forma de livro que é também um jogo. O seu carácter manufacturado assume a natureza física do meio impresso, reclamando a presença tridimensional e táctil da matéria de que é feito o livro, da sua morfologia, da sua mecânica e dos efeitos da inscrição tipográfica ou manual. Tecnicamente, este trabalho recorre a materiais e ferramentas artesanais: cartão grosso, papel texturado, máquina de escrever, canetas de desenho, tintas, x-acto, régua, fio de metal, mini-berbequim e alicate.

Neste poema-livro a unidade da página desaparece para dar lugar à sua segmentação em elementos permutáveis, de forma a produzir diferentes textos ao encontrar e desencontrar peças de papel. A construção de sentido passa não só pelas palavras mas também pela sua relação com as imagens que as acompanham, posicionando o leitor entre o acto de ler e o acto de ver. Estas imagens incluem desenhos e formas que sugerem ideogramas e pictogramas, invocando escritas primitivas baseadas não em grafemas mas nas relações entre imagens e conceitos ou objectos. Outras imagens

ainda aproximam-se da escrita assémica, que não acompanha o pensamento verbal e que por isso se materializa num traço que não chega a ser signo.

O poema contido neste pequeno livro é um breve apontamento sobre a linguagem, aqui entendida como canto. O canto é expressão, memória, tradução, mas é também espaço de confronto entre a sintaxe e o silêncio. O canto existe também entre a matéria da língua (o ritmo e a melodia), dos nomes (as coisas tornadas signos), e dos processos cognitivos (o corpo, a electricidade, a memória, as ideias e as emoções) de onde o sentido e a experiência emergem.



## Além de Mesão Frio

Na sua essência, *Além de Mesão Frio* é um conto sobre visibilidade e sobre memória. Sobre o que vemos uns nos outros, do que nos lembramos, e do que achamos que vemos e achamos que lembramos. Ver é tão subjectivo quanto lembrar, e mesmo quando alguém está perante nós na sua totalidade, não sabemos quais são as palavras, os gestos, as acções que são genuinamente suas. Mas, no final, o que somos nós genuinamente? Os gestos que replicamos não são nossos? O pensamento que absorvemos não nos pertence? Se colocada na perspectiva certa, uma mão fechada oculta toda uma montanha. Para quem olha, a montanha passa a estar dentro dos limites da mão fechada. Quantas memórias cabem dentro dos nossos limites? Quantas pessoas vemos quando olhamos ao espelho? Quantas pessoas estão realmente lá? *Além de Mesão Frio* propõe-se a ser uma reflexão sobre estas questões.

Na sua estrutura, o conto apropria-se das convenções ubíquas na leitura em linha, tão fortemente estabelecidas que se tornam imperceptíveis, para criar uma estrutura de navegação dentro de uma obra de literatura que, uma vez que recorre

às convenções tradicionais do hipertexto (nomeadamente a marcação gráfica para *link*, *link* ativo e *link* visitado), não requer do leitor mais do que a literacia digital básica. Essas ligações seguem também a estrutura clássica dos capítulos de um livro, sendo numerados de 1 a 9. Mas esta aparente simplicidade esconde uma profundidade na navegação que o leitor só pode intuir porque, precisamente, está familiarizado com as notações gráficas para “página já visitada”. Assim, pode ir progredindo, de forma ao mesmo tempo linear e profunda, na leitura deste conto. De uma vez só, o conto usa uma estrutura convencional e brinca com essas convenções, precisamente porque a sua estrutura aparenta ser mais clara do que na realidade é.



[Além de Mesão Frio](#)  
um conto em linha, por Ana Sabino

1 2 3 4 5 6 7 8 9

O Guilherme depositava a pequena Catarina junto à cozinha, lá vinha a discreta Helena, com um balde de água fresca ou o que fosse necessário, e em pleno silêncio se fazia o curativo. Catarina não chorava, por vergonha, Helena não ralhava, por respeito e empatia, e tudo o que se ouvia eram os seus pequenos ‘Shhhh, shhh...’ que não tinham a função de parar lágrimas, porque não havia lágrimas a correr, mas que estavam ali para o que desse e viesse.

[Além de Mesão Frio](#)  
um conto em linha, por Ana Sabino

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Quatro e meia em ponto, e estávamos no carro, a caminho da casa deles na vila, para o combinado lanche. Beatriz, um pouco nervosa por conhecer os primeiros amigos da sua nova vida, uma vida que prometia poucos amigos, muitos invernos, e ventos fortes. “Daniel e Carolina”, repetia em voz alta, com vontade de agradar, começando por não se esquecer do nome do casal anfitrião.  
– Catarina – corrigi eu. – Catarina e Daniel.



## el\_ingenioso\_hidalgo\_don\_qvixote\_de\_la\_ mancha\_por\_brvno\_ministro.pdf

Quando Jorge Luis Borges relata o desejo de o fictício Pierre Menard escrever o *Dom Quixote*, salienta que este “nunca encarou a possibilidade de uma transcrição mecânica do original”. Menard não queria copiar o *Dom Quixote*, “a sua admirável ambição era produzir umas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes.” Bastaria ser imortal, diz-se a certa altura. Embora estejam entre os comuns dos mortais, os dispositivos tecnológicos, sempre a reescrever de forma pós-humanista o sentido de *vita brevis*, porque condenados à obsolescência, poderiam, hoje, simular essa *ars longa*, através de um algoritmo de geração infinita de texto. Desse modo, próximo também aos pressupostos do teorema do macaco infinito, acabar-se-ia eventualmente por, no fim de uma macacada que duraria vários séculos, dar por gerado o *Dom Quixote*. Ou o computador talvez nem precisasse de séculos, dado a capacidade de processamento atual deste tipo de dispositivo.

Contudo, essa não é a proposta desta proposta. Perdoe-se a repetição e some-

-se-lhe uma outra: propõe-se que este trabalho seja uma proposta de propostas, logo, este *Dom Quixote* assume-se como mais preocupado com perguntas que com respostas – é esse o caráter investigador. Aqui o que se procura dar a ver, mais do que uma simulação do processo de escrita de Menard ou de Cervantes, é uma reflexão pela prática sobre os pressupostos conceituais (do primeiro) que teriam por base as estruturas sógnicas (do segundo). Daí se parte para a interrogação dos processos de remediação e socialização realizados pelos dispositivos de escrita e leitura – usou-se o fac-símile da primeira edição da obra de Cervantes disponibilizado pelo *Internet Archive*, submetido depois ao uso de *software* de reconhecimento ótico de caracteres (leitura) e pela sua transposição (escrita) para formatos supostamente legíveis por máquina e humano (*machine-encoded, machine- and human-readable*). Porque hoje Menard não poderia negar o uso dos meios técnicos de re/ produção.

el\_ingenioso  
\_hidalgdo\_do  
n\_qvixote\_d  
e\_la\_manch  
a\_por\_brvno  
\_ministro  
.pdf

Bruno Ministro

2019 **Título autoexplicativo  
(Iconic landscape, em inglês)**

Todas as explicações são autoexplicativas.  
Todas as definições são autodefinitórias.  
Todas as generalizações são, naturalmente, desajustadas. Como explicar a imagem na ausência da imagem? Como transpor para palavras a ausência de palavras? Como explicar algo que não tem explicação? Como definir o indefinível? Defender o indefensável?



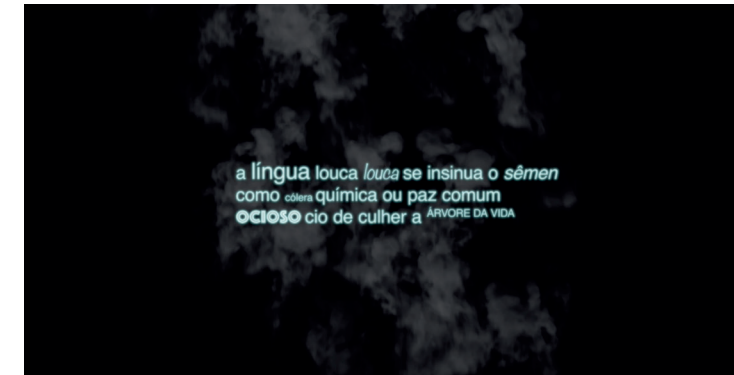
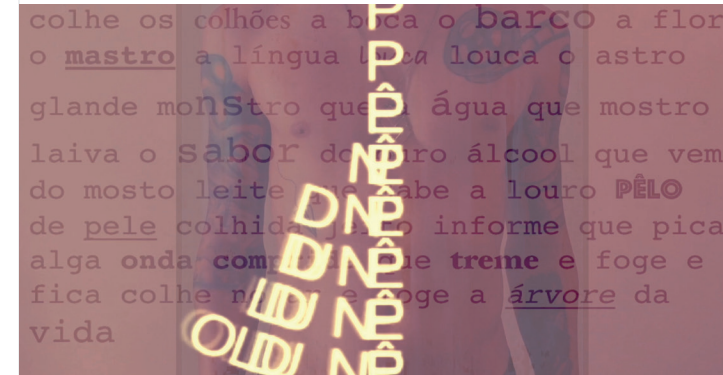
Ernest Bowes

2019

## Máquina Cara Lh Amas

O projeto *Máquina Cara Lh Amas* é uma provocação. A realização de uma vídeo performance a partir da obra *Cara Lh Amas* de Ernesto Melo e Castro. O trabalho consiste em relacionar-se com três poemas do livro em questão e materializá-los em formato audiovisual. O principal objetivo é apresentar uma possível tradução dos poemas “Colhe os Colhões a boca”, “De redondo cu” e “Orgassema” em áudio e imagem. Consequentemente, investigar o corpo, o sexo e o vocabulário sexual obscuro e divergente na poesia de Melo e Castro através da máquina audiovisual. Busca-se entender a perspectiva de *Cara Lh Amas* sobre o sexo transversalmente a teorias do escritor/filósofo francês Georges Bataille. O projeto, portanto, pensa a poética erótica divergente como um estado em que a pessoa ou está excitada sexualmente ou uma antecipação à tal excitação sexual. *Máquina Cara Lh Amas* analisa o espírito estético-artístico da manifestação do desejo sexual e reflete o erotismo em termos da natureza humana, para além dos limites da subjetividade. Tal interpenetração leva em consideração como Bataille estuda os

tabus e suas inter-relações. Além de como esses tabus nos dão um vislumbre de nossa natureza contínua. Para a execução do projeto, foram utilizados softwares de audiovisual como *iMovie* e *Ableton Live*, além de *softwares* de pós-produção como *After Effects*. O aparelho, a máquina, faz da vídeo-performance um projeto multifacetado, com diversas etapas de filmagem, produção e pós-produção. Utiliza como metodologia uma pesquisa com abordagens literárias, visuais, sonoras, antropológicas e filosóficas. Explora como o erotismo deve ser distinguido do sexo com o propósito de reprodução, e como a transgressão dinâmica de Melo e Castro demanda uma materialidade visual para os versos compostos. Sexo, erotismo, imagem, tabu e transgressão dentro dos indivíduos para questionar os corpos e os gêneros na linguagem. O trabalho aborda, assim, o aspecto violento da linguagem poética em Melo e Castro em *Cara Lh Amas* e se Bataille consegue justificar a ideia de que o objetivo da violência transgressora é retornar a uma intimidade perdida.





Júlia Zuza e Ernest Bowes

2019 **Lave Vale**

Em janeiro de 2019 Brumadinho (MG) foi invadida por um mar de lama tóxica em decorrência do rompimento de uma barragem de rejeitos de minério da empresa transnacional *Vale*. Até o momento são 166 mortos e 147 desaparecidos. A tragédia faz lembrar outro rompimento de barragem na comunidade de Bento Rodrigues (MG) que em 2015 deixou 19 mortos e um impacto ambiental ainda incalculável. Os dois crimes socioambientais seguem impunes.

As tragédias serviram como mote para a realização do vídeo-poema "Lave Vale", inspirado no poema "Brumadinho vale" de Júlia Zuza. Dentro do contexto citado, o valor da vida se mostra reduzido e o título da performance explora essa característica por meio do jogo de palavras. A palavra "vale" pode se transformar em "lave" e vice-versa, em que os significados se alteram de forma rápida. Confrontando a câmera diretamente, a artista lava um pedaço de tecido em uma vasilha com lama e sugere uma metáfora para a catástrofe. O gesto cria campos de indistinção entre o que é limpo e o que é sujo, o que é lógico e o que é absurdo, sendo levado até

ao limite entre o que seria o corpo e o que seriam os rejeitos, numa indiferenciação entre sociedade e lama.

O áudio é outro elemento que compõe significado a "Lave Vale". Ele mostra-se como uma linguagem potente que liga o poema a outros sons, construindo uma atmosfera ao vídeo quando sobrepõe vozes e versos. A sonoridade trabalha com ecos que se relacionam com os sons do desastre que ecoam até hoje.

A proposta da performance seria produzir um incômodo no público ao mesmo tempo em que sensibilizaria para a necessidade de se repensar o atual modelo econômico extrativista pautado apenas por interesses financeiros.

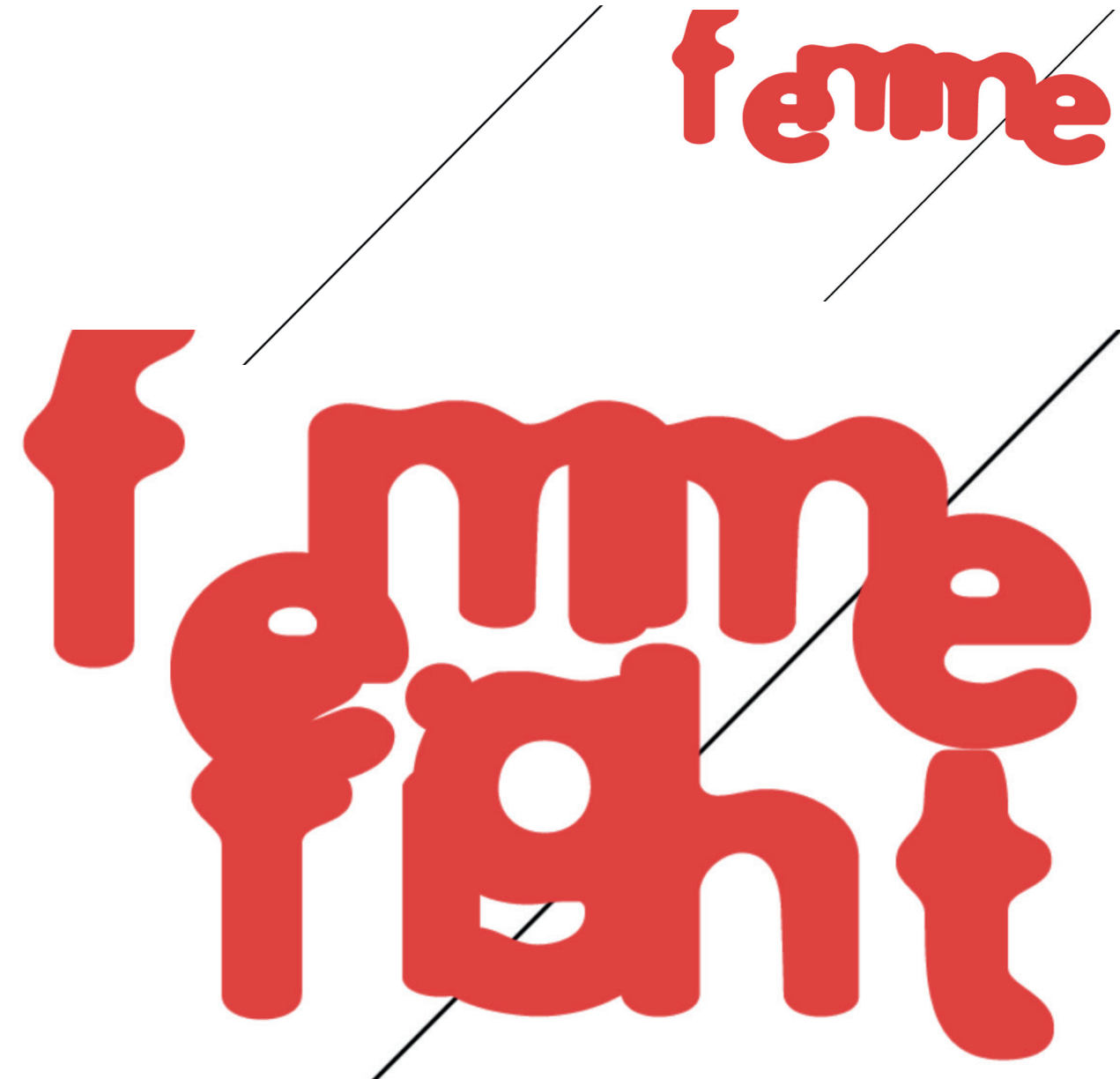




Liliana Vasques

2018 **pm: press mouse [for] private message**

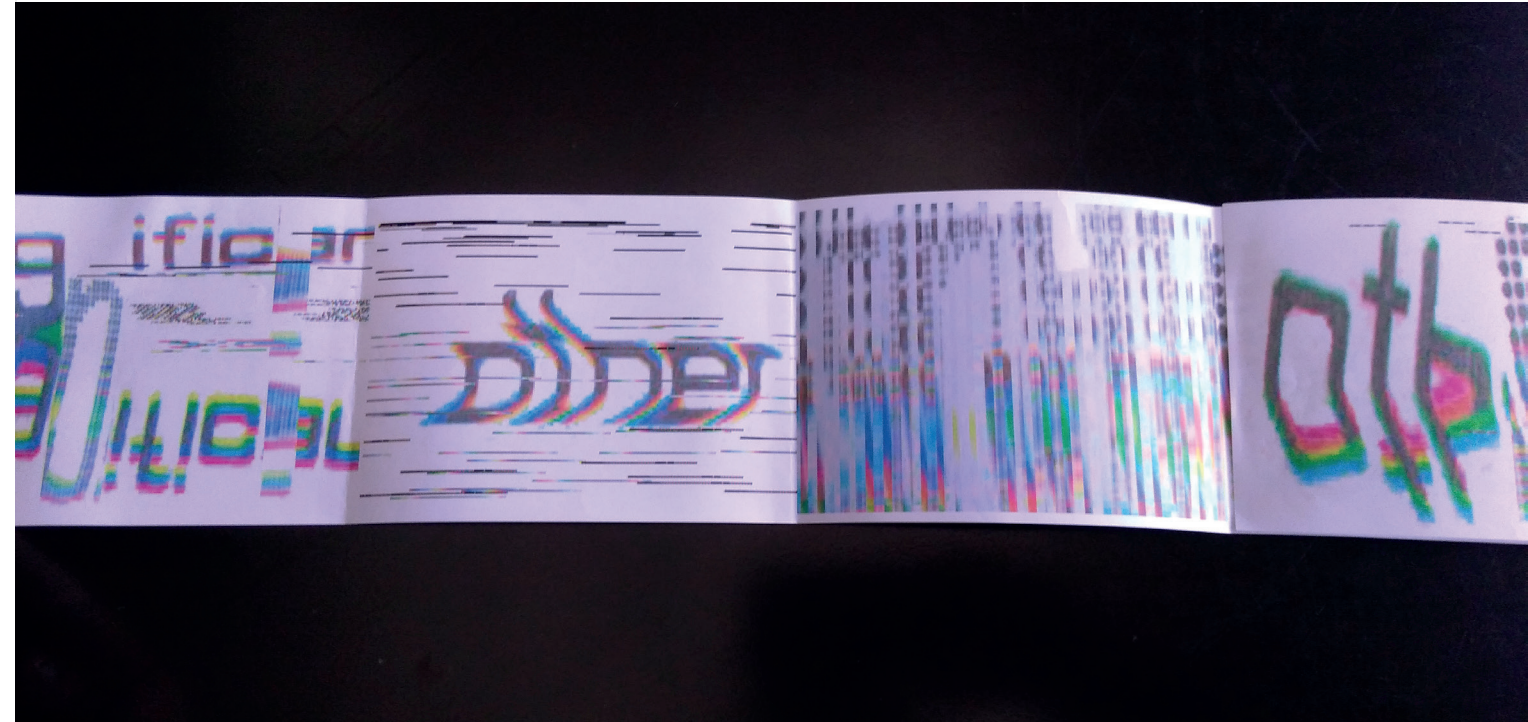
*pm* é um trabalho de 'arte literária digital' que expressa a intenção de refletir sobre a vida das mulheres e a sua condição ambígua em relação à violência, à competição e à sexualidade; isso é simbolizado através da confusão de contextos sociais numa faixa sonora que pode ser "o/a", ou, "outro/a".



Liliana Vasques

2019 **s.o.**

s.o. é um trabalho impresso desdobrável que reflete sobre a expressão *significant other* através da exploração da tipografia, da electrografia e da manipulação digital; na sua produção foi usada uma impressora de agulhas antiga, processos de electrografia com scanner, manipulação com uma versão pirata do *Adobe Photoshop* e edição de código hexadecimal.



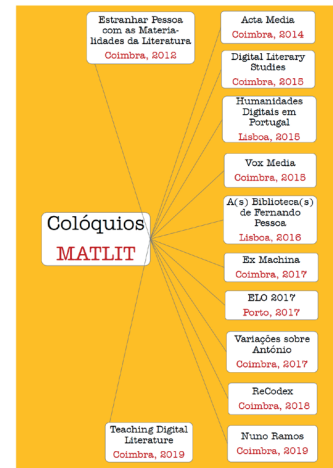
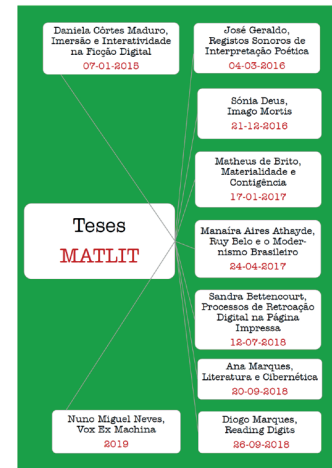
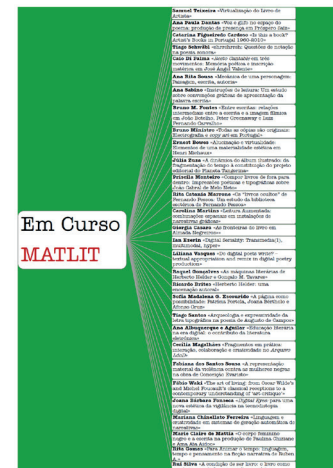
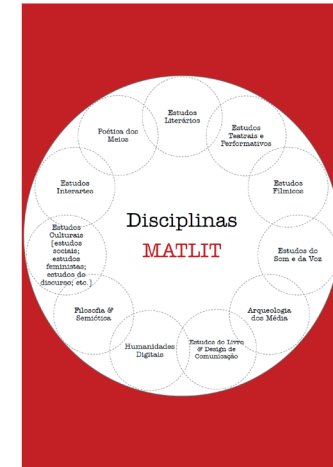
# MATLITrospectiva, 2010-2019

MATLITrospectiva oferece uma sinopse das práticas, projetos e atividades do Programa de Doutorado em Materialidades da Literatura entre 2010-2011 e 2018-2019. Esta representação tem simultaneamente uma lógica retrospectiva de recapitulação panorâmica dos caminhos percorridos, uma lógica prospetiva de antecipação de caminhos futuros e uma lógica programática de concetualização do campo “Materialidades da Literatura”. Ao incorporar criticamente o contexto das transformações mediais nas suas teorias, objetos e métodos, e ao promover novos cruzamentos disciplinares, o Doutorado em Materialidades da Literatura sintonizou-se com os caminhos mais inovadores da atual investigação literária.

Os 20 diagramas esquematizam as práticas do Programa segundo duas linhas de estruturação. A superior, intitulada “Pedagogia Projetual em Investigação Literária Avançada”, mostra a lógica projetual e colaborativa da investigação através dos diagramas “Cartazes MATLIT”, “Exposições MATLIT”, “Projetos MATLIT”, “Revista MATLIT”, “Sítios MATLIT” e “Laboratório MATLIT”. Contém ainda três diagramas que mapeiam as intersecções disciplinares,

objetuais e metodológicas observáveis. No âmbito desta exposição, merece destaque o diagrama “Laboratório MATLIT”, no qual é apresentada uma primeira concetualização das componentes do laboratório e um conjunto de perguntas destinadas a orientar o seu desenvolvimento segundo uma lógica de conhecimento aplicado e de investigação baseada na prática e na experimentação, incluindo a experimentação literária e artística.

A linha inferior, intitulada “Inovação, Internacionalização, Interdisciplinaridade”, mostra a retroalimentação entre aquelas três dimensões enquanto resultado da rede de interações estabelecida com um conjunto vasto de investigador@s e artistas de campos disciplinares distintos, oriundos de múltiplos contextos institucionais. Seja pela concetualização de colóquios sobre novos problemas, seja através da presença regular de convidad@s e do apoio a missões de doutorand@s, seja ainda por via da formação complementar e da análise de novas práticas literárias como objetos de tese, aqueles cinco caminhos reforçam a articulação entre inovação, internacionalização e interdisciplinaridade. Os diagramas “Colóquios MATLIT”, “Convidad@s MATLIT”, “Missões MATLIT”, “Cursos MATLIT” e “Teses MATLIT” testemunham quer a qualidade da formação oferecida, quer a intensidade da atividade e da produção do Programa.





Nuno Meireles

**Doutor Fausto faz Literatura no  
Laboratório: Performance com Vídeo, Voz  
gravada e uma Pessoa Vestida de Bata Branca**

2019

Doutor Fausto, no seio da Universidade de Coimbra, num Laboratório por si concebido, procura fazer avançar a Literatura através de meios humanos, não-humanos e ainda mistos. Usa computadores, magia e viagens temporais para atingir a suprema obra literária. Depois de várias tentativas e erros, analisados e recapitulados à fria luz da Ciência como só um Doutor (Fausto) consegue fazer, o protagonista consegue produzir a Obra Suprema,

a

Auro

Auto

Digito

Visuo

Narrativo

Fragmento

Filmo

Musico

Arquivo

Literatura.



Patrícia Reina

2018

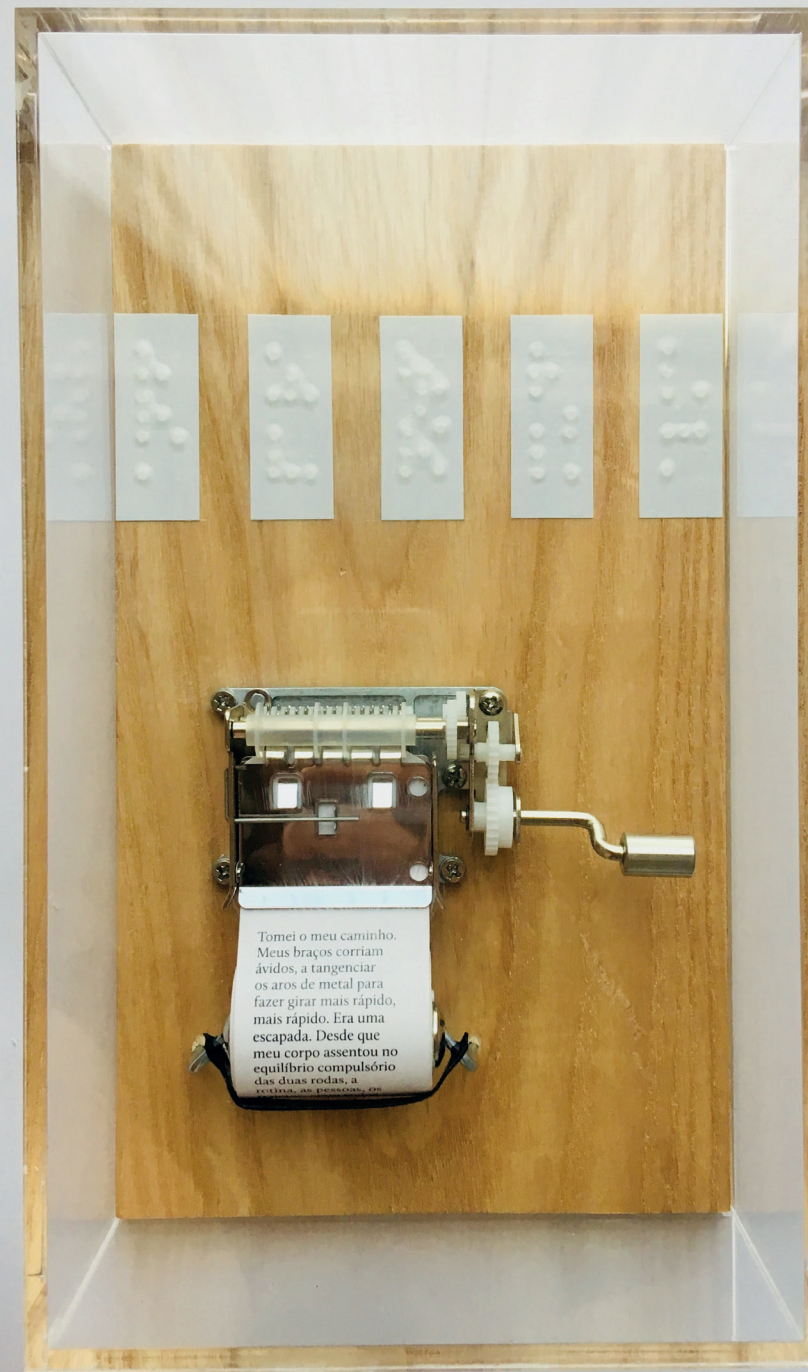
## Serendipitose B

*Serendipitose B* é um livro objeto, pensado para ser uma experiência de imersão mental e física. A caixa utilizada para a construção da obra é de base de madeira e tampo de acrílico, a fazer referência direta a um artigo de exposição que deve estar sempre protegido. Para ler o texto, deve-se ultrapassar essa barreira física e psicológica, do receio de que aconteça algum acidente ou qualquer outra coisa de caráter irreversível. Ao tirar o tampo, têm-se ao dispor de mãos curiosas o mecanismo com o texto e as inscrições em sistema Braille.

As inscrições estão dispostas em cinco faixas, umas sobre as outras, em um conjunto gráfico que se parece muito com uma passadeira. Em cada uma das faixas está uma palavra: "anda", "para", "nota", "muda" e "alma" (em Língua Portuguesa, porém o código utilizado é o Braille). Não há qualquer pontuação ou marcações de início, como o uso de maiúsculas, de modo que a leitura seja feita também através combinações morfológicas livres – entre verbos, preposições e adjetivos. É uma reflexão sobre o caminho da compreensão das mensagens, em suas sucessivas deco-

dificações, bem como da impossibilidade de imobilização dos sentidos expressos pelas palavras.

O mecanismo da caixa de música traz uma experiência essencialmente ergódica de leitura, uma vez que exige uma ação contínua do leitor sobre a manivela para fazer surgir o texto. O início desse movimento de leitura coincide com o rompimento de um estado de inércia dentro do texto, e continua em correspondência cinética entre leitor(a) e personagem. A faixa de papel vai na direção da passadeira disposta na base de madeira, assim como a própria história tem seu ápice nesse encontro, onde acontece uma experiência sinestésica. Para quem lê o texto, a experiência ocorrerá de forma induzida, pela decodificação cruzada de um trecho do texto escrito em braille pelo mecanismo da caixa de música.





Patrícia Reina

2018

## Serendipitose C

É uma obra difícil de encaixar em uma tipologia, porque foi pensada para ser olhada como um objeto capaz de gerar sentimentos de afetuosidade e curiosidade, simultaneamente. A pretensa figura de uma estranha pauta musical de três linhas é, na verdade, uma pergunta retórica em escrita Braille: O que separa o sentido dos sentidos?

Possivelmente desavisadas do conteúdo da escrita, as mãos leitoras tenderão a tocar nos pregos. Cada linha é responsável pela emissão de um som inusitado, sendo em todos os casos uma risada robótica: da Siri, assistente da *Apple*, da Alexa, assistente da *Amazon*, e da Sophia, a popstar humanóide da *Hanson Robotics*.

Não é fácil distinguir que cada risada está associada a um robô, assim como não está óbvio que aquele objeto de tecido é na verdade um circuito integrado a um microprocessador programado para interação. Isso também colabora com a dimensão crítica da obra, que traz uma reflexão sobre o contínuo esforço de dissimulação na natureza algorítmica na concepção de todo tipo de interface tecnológica.

O riso, como resposta para uma pergunta que talvez ainda não tenha sido feita pelo(a) leitor(a), cria um efeito irônico, ou cria ainda um certo tom de desconversa, o que faz de *Serendipitose C* mais um desses dispositivos manhosos, apesar de bem-humorado.



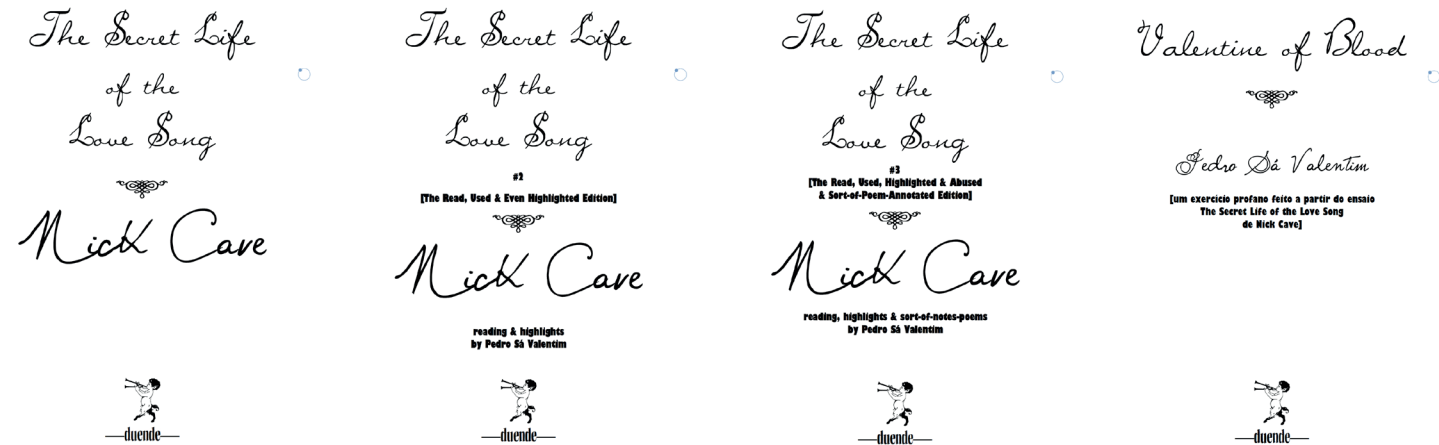
2018 **Valentine of Blood**

Este livro trata-se de um exercício que procura elaborar e reflectir sobre a dimensão eventiva da leitura defendida por Johanna Drucker, ou seja: sobre a ideia de que o livro não está pré-constituído sem que haja sobre ele um acto de leitura, e de como o livro resulta justamente desse processo de emergência, resultado de uma dinâmica relacional que se constitui nessa própria dinâmica, e de um sistema que Jerome McGann caracteriza de autopoietico por por não estar pré-constituído antes da interacção a partir da qual ele emerge.

Ora, o que aqui se pretendeu fazer com o exercício intitulado *Valentine of Blood* foi ensaiar um objecto metafórico que concentrasse no mesmo plano (no plano da página, no campo textual que a mesma delimita) tanto o texto original que nos é dado a decodificar e interpretar e sobre o qual intervimos (neste caso o ensaio *The Secret Life of the Love Song*, de Nick Cave), como também o texto que, através desse mesmo processo de leitura, emerge da minha interpretação pessoal e subjectiva, o tal “livro fenoménico” de que Drucker fala.

Portanto: tentar fazer coincidir num livro, à maneira de um fundido encadeado, um texto que representasse essas duas imagens que estão fadadas a nunca se encontrarem de facto — essas projecções que constituem a dupla-paralaxe, isto é: aquilo que o texto grafado projecta e aquilo que a minha interpretação ao mesmo lhe devolve, constituindo o movimento deste desencontro, por fim, a dinâmica de que é feito o “livro que leio”.

E o gesto conceptual de que me servi foi o de conceber um objecto híbrido que fizesse com que o texto original (*The Secret Life of the Love Song*) convivesse na mesma página com textos (na sua grande maioria da minha miserável poética) que decorressem quer da minha interpretação do mesmo quer da influência temática e formal que resultasse de o ter lido, assumindo-se, de algum modo, como seus descendentes.





Rui Silva

2017 **Antologia para mentes desertas**

O projecto *Antologia Para Mentes Desertas* associa, por intermédio de palavras-chave, imagens da biblioteca do congresso americano com textos poéticos seleccionados por um grupo de «antologadores». Esta antologia combinatória tira partido da permutação como prática criativa, pensando a edição como um motor narrativo que alia duas bases de dados: computacional e humana.



Samuel Teixeira

2011

## Produção de Desordem

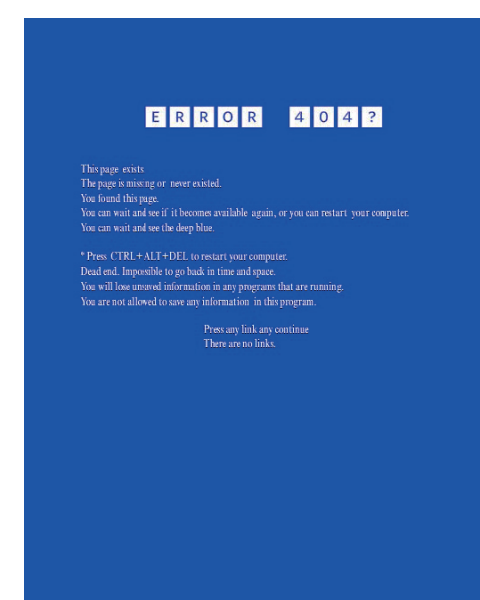
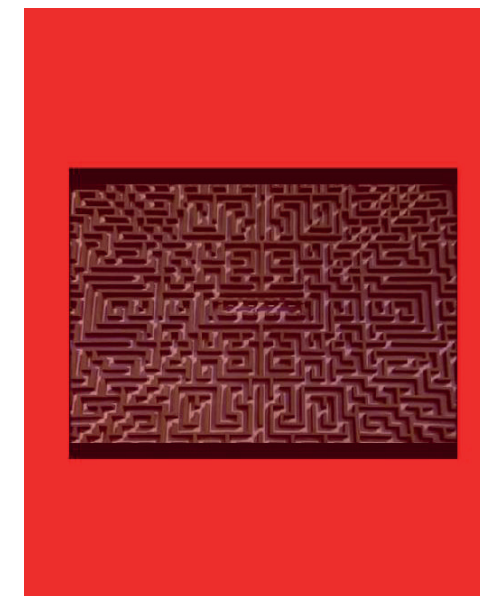
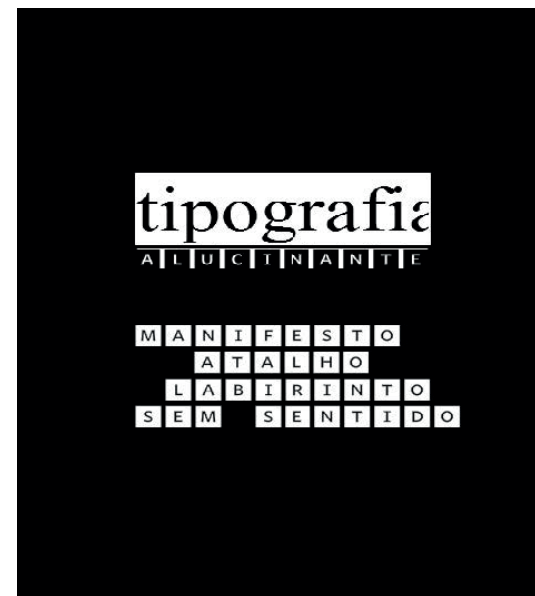
*Produção de Desordem* é uma experiência electrónica que (auto)reflete sobre as possibilidades combinatórias espaço-temporais e intermédia das novas tecnologias. A obra aspira a ser uma (anti) obra restrita e subversiva, um objeto de resistência contra manuais de conduta, principalmente contra aqueles que se fundamentam nos valores da clareza e da neutralidade. Ou seja: elementos inibidores de criatividade e de expressividade.

A ideia nuclear de *Produção de Desordem* é parodiar as dez regras do manual *Elementare Typographie* de Jan Tsichichold. No cerne da “Nova tipografia” está a adoção de soluções eficientes, eficazes e pragmáticas que potenciem o ato de comunicação e propaganda no contexto de emergência do capitalismo, das sociedades de consumo, da publicidade e do aparecimento de novos média, entre os quais se destaca a fotografia.

O pastiche dos mandamentos tsichicholdianos partiu da motivação inicial de proporcionar experiências (sin)estéticas e sinestésicas de desconforto e de desorientação ao utilizador do programa. As sensações de tortura e tontura, e a impos-

sibilidade de estabilizar o real mimetizam a recursividade infinita do utilizador no ato de navegar no espaço simulado da internet, onde a arquitetura sináptica do hipertexto provoca a vertigem letárgica de um labirinto borgesiano.

*Produção de Desordem* busca ainda modos inéditos de investigar a experiência de mediação, isto é, a complexidade da ecologia medial, através da reciclagem e mistura de uma coleção heterogénea de trabalhos artísticos vanguardistas de várias áreas, tais como o cinema, a música, a literatura (incluindo a literatura eletrónica) e as artes gráficas. Gravitam no sistema de *Produção de Desordem*, entre outros, a possibilidade de uma máquina produzir desordem sem agência humana, proposta por Italo Calvino, no ensaio “Cibernética e Fantasmas”; os signos corrosivos e a opacidade da linguagem de Mel Bochner; o cinema estrutural de Tony Conrad (*Ten Years Alive in the Infinite Plain*) e Michael Snow (*Wavelength*); a tipografia cinética; a música experimental de John Cale; os conceitos de tecnotexto, materialidade e recursividade de Katherine Hayles.



## Série Augusto de Campos

Augusto de Campos, um dos poetas fundadores do movimento da poesia concreta, é um autor de experimentação, desgaste e inovação da linguagem e da sua materialidade. O seu contributo para o alargar da perspectiva literária e a sua constante comunicação com as outras artes, bem como com os novos paradigmas da comunicação, tornam-no um autor relevante para as Materialidades da Literatura tanto no escopo artístico como teórico. A translação da inscrição da literatura da página para a galeria operada a partir da sua fase participante (1960) promoveu uma literatura de invenção penetrante no quotidiano Brasileiro das décadas de 60 a 80. A galeria, os meios de comunicação de massa, as novas tecnologias (néons, holografia e a computação) e até a música (bossa-nova) foram meios que permitiram a renovação da significação através da experimentação da palavra em cada meio.

Propomo-nos a realizar uma viagem pela linguagem experimentada por Augusto de Campos promovendo o mesmo deslocamento literário para fora da página, acompanhando as particularidades da história da literatura, sociedade

e tecnologia na perspectiva do autor, relacionando-a com os campos de estudo do Programa de Doutorado em Materialidades da Literatura.

- Greve*, de 1962
- Cubagrama*, de 1962
- Cidade / City / Cité*, de 1963
- A coleção Pop-Cretos*, de 1970
- O Anti-Ruído*
- Olho por Olho*
- Psui!*
- Amortemor*, de 1970
- Quasar*, de 1974
- Tudo Está Dito*, de 1974
- Viva Vaia*, de 1972
- SOS*, de 1983
- Pós-tudo*, de 1984

<p><b>CUBA</b></p> <p>o DE US\$ do lar sabe</p> <p>de açúcar</p> <p>O BRA</p>	<p>gramma</p>	<p><b>SIM</b></p>
<p>como SAL VE SIL</p>	<p>sugar</p> <p>açucar</p> <p>O BRA men</p>	<p>yes eua yes eua yes eua yes eua yes eua yes eua yes eua yes eua yes</p> <p>A AMÉRICA</p> <p>SIL</p>
<p>uma</p> <p>entre dez</p> <p>es trelas</p> <p>O BRASIL</p>	<p>hiena</p> <p>al IAN mo</p> <p>para o progr</p> <p>QUE</p> <p>DIZ</p>	<p>só</p> <p>ça</p> <p>esso</p> <p><b>NÃO</b></p>

*Cubagrama*  
Augusto de Campos, 1962



Tiago Schwäbl e Nuno Miguel Neves

2018 **Ahoy!**

Em águas profundas com Gregory Whitehead. Experiência radiofónica – via *Skype/ "unstable connections"* – a 5 de dezembro de 2018, com G.W. em Lenox, Massachusetts, e Tiago Schwäbl & Nuno Miguel Neves no estúdio 3 da RUC em Coimbra.

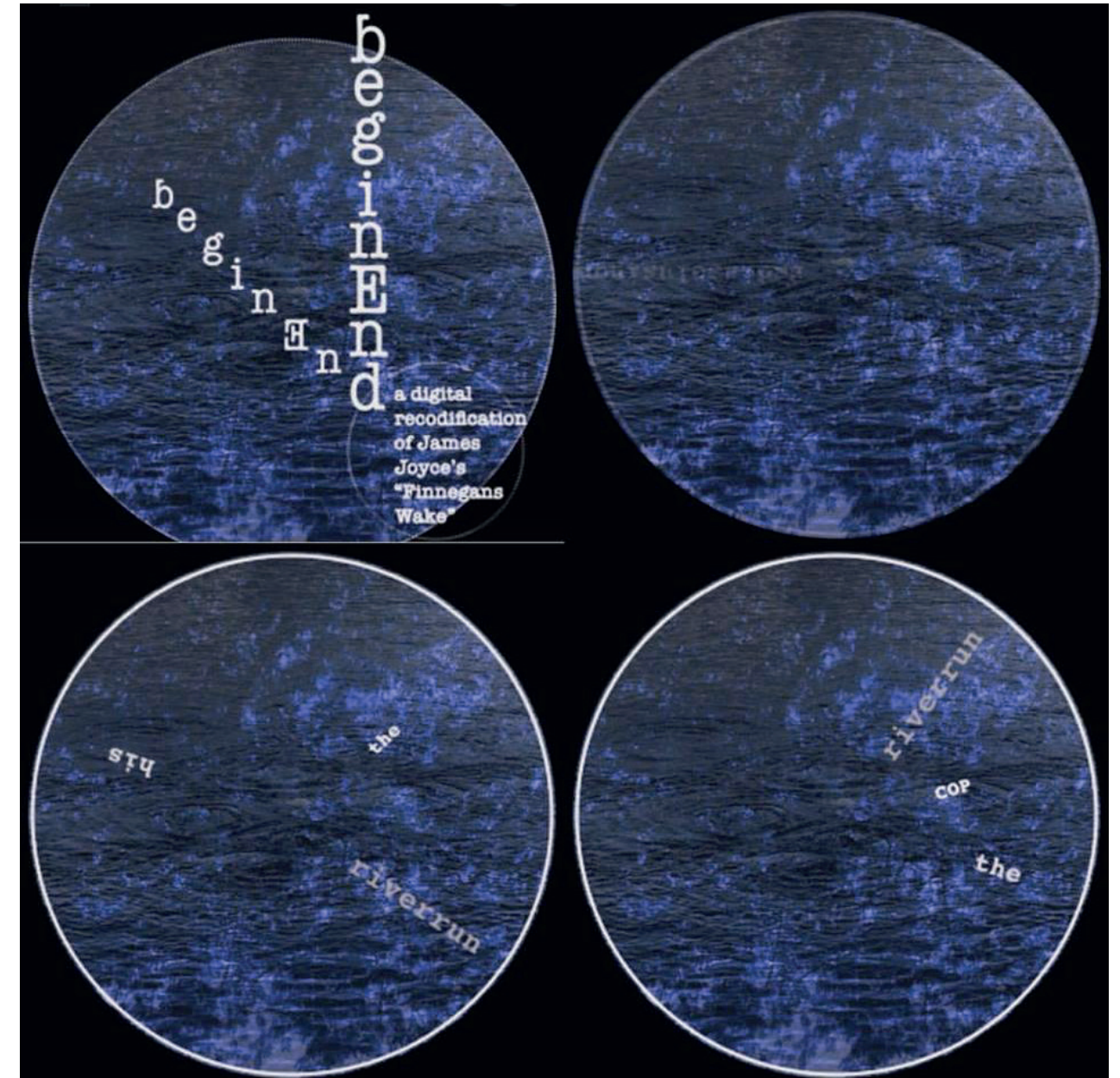


wr3adIng dlgl5: Diogo Marques, Micael Martins e João Santa Cruz

2014-  
2017

## beginEnd: a digital recodification of James Joyce's *Finnegans Wake*

Questionando a noção de cibertexto a partir de Espen Aarseth (1997), beginEnd apresenta-se enquanto reflexão sobre os mecanismos e materialidades inerentes ao objecto *livro*. Partindo da releitura de *Finnegans Wake* e da noção de intercircularidade que caracteriza esta obra singular de James Joyce, *beginEnd* (2017) é um poema combinatório e contínuo em rede, que reconverte numa transcodificação digital a possibilidade de conter num só tempo dois momentos distintos.



Catálogo da exposição **“Caminhos da Literatura no MATLIT LAB: um laboratório de humanidades”**, de 6 a 8 de Março de 2019, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por ocasião da 21ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra.

#### **Curadoria**

Francisco Silveira  
Nuno Meireles  
Patrícia Reina  
Pedro Sá Valentim  
Thales Estefani

#### **Consultoria**

Manuel Portela

#### **Design**

Patrícia Reina

#### **Voluntárias**

Gisele Noll  
Marie Claire De Mattia

#### **Expositores**

Ana Albuquerque  
Ana Marques  
Ana Sabino  
Bruno Ministro  
Ernest Bowes  
Júlia Zuza  
Liliana Vasques  
Manuel Portela  
Nuno Meireles  
Nuno Miguel Neves  
Patrícia Reina  
Pedro Sá Valentim  
Rui Silva  
Samuel Teixeira  
Tiago Santos  
Tiago Schwäbl  
wr3adlmg d1g1t5  
(Diogo Marques,  
Micael Martins,  
João Santa Cruz)

#### **Agradecimentos**

Ao poeta Augusto de Campos.  
À Reitoria da Universidade de Coimbra.

© 2019

Licensed under the Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

